

## Capítulo 1

# Introdução

«Comme je n'y connais pas vraiment grand chose  
alors ça me fascine parce que je ne sais pas grand chose.»

Mler ife dada, «Ça me fascine», do álbum *Coisas que fascinam* (Polydor, 1987)

«Entrei numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler  
e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para  
metade da livraria' [José de Almada Negreiros].

Para evitar que sinta o mesmo, criámos uma livraria à sua medida.»  
Anúncio publicitário da livraria 101 Noites, em Lisboa

As actividades culturais desempenham hoje um papel central na vida económica e social. São actividades que geram emprego e riqueza, que promovem o bem-estar e a qualidade de vida, que permitem a integração social de certos segmentos populacionais e que muitas vezes são veículo privilegiado da requalificação ambiental e urbanística de espaços degradados ou em reconversão.

Embora por todas estas e várias outras razões se possa considerar que sempre constituíram uma vertente fundamental do desenvolvimento, o que é certo é que apenas recentemente têm vindo a ser reconhecidas como tal. Estas actividades (tal como muitos outros produtos intensivos em informação e criatividade) só agora começam a ganhar a centralidade e a visibilidade há muito merecidas, as quais se tornam evidentes à medida que as novas formas de organização e funcionamento da «nova» (e afinal tão velha, sempre a mesma...) economia globalizada se afirmam na contemporaneidade e as trazem para o centro das atenções e das preocupações políticas.

A produção, a distribuição e o consumo de bens culturais suscitam, assim, um interesse crescente e renovado por parte da análise científica

em campos disciplinares como a economia ou a geografia, que desta forma se juntam às múltiplas perspectivas que em áreas como a sociologia, a antropologia ou os *cultural studies*, por exemplo, há muito têm vindo a ser desenvolvidas (Benhamou, 1996; Scott, 2000; Caves, 2000; Throsby, 2001; Wynne, 1992; O'Connor e Wynne, 1996; Crane, 1992; Klamer, 1998; Donnat, 1994). Ao contrário da tradição ancestral, que sempre as enclausurou mais na esfera do *ócio* do que na do *negócio*, separando-as claramente das actividades erradamente ditas «produtivas», começam, finalmente, a ser encaradas na sua multidimensionalidade, como qualquer outra actividade económica e social o deve ser, podendo ser analisadas e entendidas à luz dos diversos objectos de estudos disciplinares. Este interesse renovado passa igualmente pelo desenvolvimento de novas abordagens a estas actividades, tendo em conta todas as especificidades destes bens (que são efectivamente muitas), no sentido de ultrapassar problemas metodológicos e conceptuais bastante significativos nas tradicionais aplicações de instrumentais analíticos pouco adequados a estas actividades (pense-se no campo da economia *mainstream*, por exemplo).

Também no campo da análise da organização do espaço e do desenvolvimento territorial estas actividades têm vindo a ganhar notoriedade (v. Scott, 2000, O'Connor e Wynne, 1996, Bianchini, 1993 e 1999, Storper e Christopherson, 1987, Zukin, 1992 e 1995, e Featherstone e Lash, 1999, por exemplo), seja na vertente da análise das lógicas de localização e funcionamento destas actividades no espaço, seja na perspectiva do papel que podem desempenhar na competitividade dos diferentes territórios. A preocupação com o funcionamento e actuação sobre a provisão destes bens e serviços no campo do planeamento regional e urbano tem sido, portanto, também crescente.

Com o trabalho que aqui se inicia pretende-se exactamente assumir esta última vertente e analisar as relações existentes entre aquilo que poderá ser considerado o «sector económico» das actividades culturais (ou, mais exactamente, toda a constelação de actividades que formam o *cluster* respectivo) e a promoção do desenvolvimento de um território. Estas actividades, tal como quaisquer outras actividades económicas e sociais, desenrolam-se num determinado espaço, têm relevância na sua estruturação e podem dar um contributo significativo para a sua competitividade territorial. É esta articulação que aqui procuramos decifrar, tendo como principal referência o espaço urbano-metropolitano, estudado através do caso da área metropolitana polarizada pela cidade de Lisboa.

Em trabalhos anteriormente realizados (nomeadamente no âmbito da investigação conducente à realização da dissertação de mestrado) (Costa, 1996) foi estudada a problemática da relação entre as reestruturações económicas e nos modos de vida actualmente em curso e o desenvolvimento regional. Em particular, foi destacado o papel central dos serviços às empresas na densificação do tecido económico e na promoção da competitividade territorial.

Este percurso teórico pessoal, bem como a simples reflexão sobre a realidade actual, suscitam agora novas questões. É indiscutível a relevância analítica de determinadas actividades que estão no centro da estruturação de algumas das mais dinâmicas fileiras económicas nas sociedades mais avançadas (o lazer, a cultura e o turismo, o audiovisual e o multimédia, as novas tecnologias de informação e as telecomunicações, etc.). O aumento de importância destas actividades, muitas vezes também associadas à prestação de serviços (mas agora, em geral, finais, comercializáveis, providos a particulares), está intimamente relacionado com as transformações económicas, organizacionais, nos estilos de vida e na organização do espaço então discutidas. Os atributos estéticos e simbólicos destes bens e a relevância da criatividade no seu processo produtivo e de provisão ao consumidor apresentam um interesse acrescido à sua análise, que assim se articula com o percurso anterior. A sua progressiva importância nas sociedades actuais, tanto em termos económicos como simbólicos ou sociais, dá um claro aval ao interesse da sua análise e um impulso decisivo ao estudo da questão que estrutura esta nossa investigação: o seu papel para o desenvolvimento e para a competitividade dos territórios.

Numa sociedade em que o conhecimento, a criatividade e o saber se tornaram a base da competitividade e em que as novas actividades susceptíveis de criarem mais riqueza e de melhor capacitarem para o desenvolvimento se têm, portanto, de basear fortemente nestes atributos, as actividades das fileiras da cultura (na sua multiplicidade, desde as «indústrias culturais» mais tradicionais às novas indústrias de conteúdos, desde as artes eruditas mais legitimadas às novas formas de sociabilidade urbana juvenil, por exemplo) têm vindo a adquirir uma importância crescente. Estas actividades tornam-se desta forma centrais e decisivas para o desenvolvimento e competitividade de qualquer economia, pelo que o estudo do seu papel na estruturação e na definição de estratégias para o desenvolvimento de um determinado território se nos afigura como uma tarefa simultaneamente pertinente e muito estimulante.

Embora a reflexão sobre estas actividades, partindo de perspectivas como esta, se tenha começado a desenvolver nos últimos anos em diversos campos disciplinares, uma análise referenciada ao espaço destas matérias (nomeadamente às condições territoriais do seu surgimento e desenvolvimento) encontra-se ainda num estado relativamente embrionário, em particular no nosso país. Uma abordagem já bastante aprofundada destas temáticas, equacionando-as à luz do desenvolvimento territorial, tem, no entanto, algum paralelismo em diversas investigações já desenvolvidas ou em curso nos meios académicos europeus e norte-americanos (cf., por exemplo, Wynne, 1992, Bianchini e Parkinson, 1993, O'Connor e Wynne, 1996, Scott, 1996 e 2000, e GREMI, 2000), bem como em algumas das actuais directivas orientadoras de política a nível comunitário e mesmo nacional (cf., por exemplo, CE, 1993, 1994 e 1998, e MPAT, 1999).

Neste quadro, a investigação que aqui se desenvolve pretende, fundamentalmente, atingir três grandes objectivos, consubstanciados noutros tantos níveis de reflexão distintos:

- i) Em primeiro lugar, procura aprofundar o estudo da relação existente entre as actividades do *cluster* da cultura e a promoção do desenvolvimento; este objectivo passa não só pela análise do papel destas actividades na economia local (neste caso, na economia metropolitana lisboeta), como igualmente pelo estudo da sua importância para uma inserção competitiva desse território em contextos mais vastos;
- ii) Em segundo lugar, visa promover a reflexão acerca do papel destas actividades na estruturação territorial; esta análise passa pelo estudo das dinâmicas registadas na organização funcional do espaço (em particular, do metropolitano), relacionando-as com diversos aspectos nos quais estas actividades têm importância fundamental (como os processos de reorganização económica e social intrametropolitana, de renovação urbana ou de gentrificação, por exemplo);
- iii) Em terceiro lugar, procura ter sempre presente a análise das estratégias e dos interesses dos múltiplos agentes envolvidos e das políticas com impacto no território; as motivações e os constrangimentos à acção dos diversos agentes, os problemas e as soluções institucionais e organizacionais, as formas de regulação das relações económicas e sociais associadas ao desenrolar das suas actividades, os fundamentos e as práticas das políticas de

desenvolvimento nos subsectores e espaços em análise, são alguns dos aspectos fundamentais a não descurar nesta última vertente.

Tendo em conta estes objectivos, procura-se ter presente ao longo de todo o trabalho uma dupla dimensão analítica: por um lado, abarcar a lógica das grandes dinâmicas e a definição das estruturas de enquadramento da actuação dos agentes (as formas de regulação, os aspectos institucionais, etc.); por outro, dar atenção às estratégias específicas dos diferentes actores sociais e à forma como estes se inter-relacionam (no que toca às práticas culturais, à produção e oferta cultural, à definição de políticas, à formação existente, à incorporação de inovação, etc.).

Recorre-se então a uma análise teórica das problemáticas em questão e a uma posterior aplicação empírica à Área Metropolitana de Lisboa. Esta última é feita, por um lado, através de uma visão panorâmica das dinâmicas gerais da fileira na AML e, por outro, focalizando e aprofundando a análise de uma realidade territorial específica dentro da cidade.

Assim sendo, num primeiro momento (capítulo 2) procuramos descodificar um pouco o intrincado mundo das actividades culturais, clarificando alguns conceitos e sistematizando ideias, de forma a podermos prosseguir de forma segura os nossos objectivos de análise destas actividades. Partindo do reconhecimento da crescente centralidade das actividades culturais nas economias e sociedades contemporâneas, procuramos enquadrar a nossa análise à luz dos diversos debates em torno do complexo conceito de cultura, tentando delimitar de forma mais ou menos coerente e estável o *cluster* das actividades culturais que pretendemos analisar. As múltiplas especificidades destas actividades e do seu funcionamento, bem como as diversas idiossincrasias que têm estado na base de muitas das abordagens que nos diversos campos disciplinares lhes têm sido efectuadas, obrigam-nos a cuidados acrescidos com esta tarefa, a qual não dispensa um olhar pluri/transdisciplinar sobre os diversos contributos que sobre a análise destas actividades têm sido desenvolvidos. Neste sentido, visando a operacionalização do conceito de cultura por nós perfilhado, sugerimos uma tipologia das actividades culturais que nos permite uma análise relativamente integrada e abrangente do seu funcionamento e da sua relação com o território.

Em seguida (no capítulo 3), analisamos a relação entre actividades culturais, território e desenvolvimento. Esta pode ser abordada de duas

perspectivas claramente distintas, ainda que complementares: por um lado, pensando na forma como estas actividades se distribuem e estruturam o território (o que é feito na secção 1); por outro, olhando-as como veículo de competitividade territorial e de promoção do seu desenvolvimento sustentável (na secção 2).

No primeiro destes campos, o da sua distribuição territorial, importa analisar a importância que o espaço aí tem, mais concretamente os mecanismos que estão na base da forte territorialidade das actividades culturais. Destacamos aqui particularmente a importância do espaço urbano-metropolitano para o desenvolvimento destas actividades (e, complementarmente, os seus impactos na estruturação desses mesmos espaços), bem como as dinâmicas associadas a complexos territoriais de produção fortemente enraizados nas realidades locais, onde os efeitos de meio gerados são determinantes para o seu desenvolvimento.

Na segunda perspectiva referida procura-se enfatizar o papel das actividades culturais na promoção do desenvolvimento e da competitividade dos territórios. Neste sentido, é discutida a centralidade das actividades culturais na promoção do desenvolvimento territorial à luz dos novos paradigmas teóricos que sustentam a actuação a nível do planeamento (e do desenvolvimento) regional e urbano. Problematizando as noções de competitividade e de desenvolvimento implícitas na análise efectuada, surge como questão central a ideia da sustentabilidade destes processos. Essa, dependendo da actuação e inter-relação dos diversos agentes envolvidos, não deixa, no entanto, de poder ser apoiada através da intervenção dos reguladores públicos. Olha-se então, finalmente, para a actuação política de base cultural como fonte de promoção do desenvolvimento e da competitividade territorial.

Concluída desta forma uma panorâmica mais teórico-conceptual sobre a problemática em análise, importa então começar a enquadrá-la, tendo em conta a realidade concreta portuguesa. O primeiro enfoque é dado a nível nacional (no capítulo 4). Procura-se aqui analisar as principais dinâmicas, problemas e oportunidades das actividades culturais em Portugal. Numa primeira secção abordam-se panoramicamente alguns dados empíricos disponíveis sobre as actividades culturais em Portugal (no que respeita à oferta existente, aos públicos e às práticas, às políticas culturais), tentando desenhar as principais linhas de tendência para cada um dos subgrupos de actividades anteriormente identificados. Numa segunda secção observa-se a relação concreta destas actividades com o território, analisando a distribuição espacial e

as dinâmicas da produção e das práticas culturais no território português e relacionando-as com a actuação pública no âmbito das políticas de desenvolvimento regional e urbano e das políticas culturais que têm sido prosseguidas no país nos anos mais recentes.

Efectuado este enquadramento nacional, passamos então (no capítulo 5) à análise do *cluster* das actividades culturais especificamente na região metropolitana polarizada por Lisboa. Tendo em conta as principais dinâmicas e desafios por que passa a cidade de Lisboa e a sua área envolvente (um centro periférico em termos europeus e globais em profunda reconfiguração espacial, procurando um novo padrão de afirmação competitiva externa), efectua-se uma panorâmica por alguns dados empíricos disponíveis sobre as actividades culturais na AML. Face à escassez de informação rigorosa utilizável para esse fim, procuram-se novas abordagens metodológicas e desenvolve-se uma análise exaustiva de algumas fontes secundárias de informação em busca de uma cartografia mais fiável e pormenorizada das actividades culturais em Lisboa. Com base em toda essa informação, procura-se então esboçar uma tipologia de espaços culturais na Área Metropolitana de Lisboa que permita auxiliar a análise e actuação sobre esta realidade.

Note-se, no entanto, que estes espaços não podem ser vistos isoladamente, descontextualizados das realidades mais amplas em que estão inseridos. Em cada caso concreto, em cada situação, estamos perante actividades (de produção, de consumo, de promoção, de distribuição) que se desenrolam num determinado espaço, face às suas características específicas, aproveitando os recursos (físicos, materiais, humanos, relacionais, etc.) aí existentes, mas combinando factores endógenos e exógenos no seu funcionamento. Os mecanismos concretos de articulação entre as diferentes escalas (mais «locais» ou «globais») do seu funcionamento precisam de ser equacionados em cada caso específico, e é a combinação dessas múltiplas realidades que consubstancia a (maior ou menor) inserção do território lisboeta no funcionamento dos mundos da cultura.

É ainda nessa lógica que no capítulo seguinte (capítulo 6) se procuram analisar as dinâmicas territoriais locais a partir do caso concreto de um bairro cultural na cidade de Lisboa. A zona Bairro Alto-Chiado, desde há muito um ponto fulcral da vida cultural da cidade, é uma escolha relativamente natural para o efeito.

A análise desenvolvida neste capítulo teve, entretanto, a oportunidade de se enquadrar no âmbito de um conjunto de estudos efectuados internacionalmente no seio da rede de investigação do GREMI –

Groupe de Recherche Européen sur les Milieux Innovateurs. O actual (sexto) ciclo de investigação desta rede lançava uma proposta extremamente interessante para o trabalho que procurávamos desenvolver: aplicar o instrumental conceptual e analítico dos «meios inovadores» (um conceito-chave nos novos paradigmas do desenvolvimento territorial) ao estudo de realidades territoriais cujo dinamismo se centrasse na exploração de recursos culturais ou de recursos naturais. Concretamente, procurava-se ainda introduzir a dimensão da sustentabilidade nessa análise, tentando averiguar até que ponto esses recursos poderiam alimentar ou não dinamismos territoriais localizados no longo prazo. Ora esta era exactamente a questão que nos interessava estudar. A inserção nesta rede e o debate e confronto com mais de uma dezena de outras experiências em vários pontos da Europa muito auxiliaram e potenciaram a reflexão aqui desenvolvida. O intensivo trabalho de campo realizado (com o lançamento de um inquérito e entrevistas em profundidade a alguns agentes) permitiu-nos testar muitas das concepções e ideias anteriormente defendidas, confrontando-as com outras realidades, e mesmo pôr à prova a robustez da aplicação destes conceitos a contextos tão específicos como são os associados à provisão de bens culturais.

Olhamos então neste capítulo detalhadamente para a zona do Bairro Alto e Chiado, a qual atravessa, ela própria, profundas transformações e reestruturações, grande parte das quais associadas às actividades culturais. É identificado e analisado o complexo territorial de produção de bens culturais na zona Bairro Alto-Chiado (os agentes e as suas inter-relações, as competências locais e os mecanismos de aprendizagem colectiva gerados, as formas de governança, as representações identitárias...), averiguando a possibilidade de ser encarado ou não como meio inovador. É dedicada especial atenção ao papel da inovação e da criatividade nas dinâmicas geradas na zona, bem como na sua afirmação competitiva e na sua sustentabilidade. O meio analisado é igualmente equacionado em termos dos conflitos de uso existentes na exploração do recurso e das formas de regulação associadas, o que nos conduz, por fim, à preocupação com a evolução diacrónica do bairro e com os factores críticos para a sua sustentabilidade.

A delimitação de alguns princípios genéricos de actuação, em particular no campo do planeamento regional e urbano, é o corolário lógico com que se fecha esta digressão, sob a forma de síntese conclusiva.